



A IMPORTÂNCIA DA FALA NA APRENDIZAGEM: OS DIÁLOGOS NA RECONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM AULAS DE CIÊNCIAS

THE IMPORTANCE OF THE TALK IN THE LEARNING: THE DIALOGUE IN THE RECONSTRUCTION OF KNOWLEDGE IN THE SCIENCE CLASSROOMS

Maurivan Güntzel Ramos¹

Roque Moraes²

1 PUCRS/Faculdade de Química/, mgramos@pucrs.br

2 FURG/Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental,
rmoraes.ez@terra.com.br

Resumo

O presente texto, de natureza teórica, apresenta argumentos sobre a importância da fala na aprendizagem e sobre o aprender como reconstrução, que ocorre principalmente a partir dos diálogos dos participantes em interação, pelas possibilidades de produção de novos significados e do desenvolvimento de habilidades e atitudes. Também é defendido no texto que o uso da fala em sala de aula é favorecido quando as aulas, em especial nas aulas de Ciências, são organizadas em torno de pesquisas, que integram o falar com o ler e o escrever. No seu movimento de teorização e complexificação de conhecimentos, as pesquisas também constituem modos de ir do empírico ao teórico, do concreto ao abstrato. O texto ainda aborda que, pela linguagem os discursos sociais são apropriados e também por ela os sujeitos podem exercer seu poder de transformação das realidades e dos discursos.

Palavras-chave: Fala. Aprendizagem. Ensino de Ciências. Abordagem sociocultural. Discursos sociais.

Abstract

This text, of theoretical nature, argues about learning as reconstruction, with a focus on talk as a way of interaction among participants, discussing the possibilities of new meaning production and the development of skills and attitudes through classroom conversations. It is also argued that a classroom organization based on investigation, integrating talk, reading and writing, especially in science classes, favors learning through talk. In their theorizing and knowledge complexification movement, investigations are also ways of going from practice to theory, from the concrete to the abstract. The text also argues that, through language social discourses are appropriated and through language people may participate in the transformation of the realities and the discourses.

Keywords: Classroom talk. Learning. Science education. Sociocultural approach. Social discourses.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende discutir sobre o ato de falar como modo de aprender na sala de aula. Falar possibilita não apenas reconstruir conhecimentos, mas desenvolver habilidades cognitivas e de pensamento pelas quais podem concretizar-se novas e mais elaboradas aprendizagens. Assumindo uma perspectiva sociocultural o texto trata a aprendizagem escolar como uma apropriação cada vez mais complexa de discursos sociais, de modo especial o discurso da ciência.

No presente texto, procura-se mostrar como esses processos são favorecidos pela interação e pelo diálogo em sala de aula, resultando em múltiplas aprendizagens. Desse modo, inicia-se com uma discussão do aprender entendido como reconstrução do já conhecido. Em sequência, defende-se uma integração entre fala e pesquisa, conduzindo a novos entendimentos de ensinar e de aprender, os quais são compreendidos como apropriação de discursos sociais por meio da linguagem, sempre com destaque especial à fala.

Aprender é reconstruir o já conhecido

Valorizar a fala na sala de aula é assumir um novo entendimento sobre como os alunos aprendem. É entender que se aprende por permanente reconstrução de conhecimentos já anteriormente adquiridos, por adição de mais significados a partir do intenso envolvimento em situações desafiadoras relacionadas aos temas trabalhados, sobre os quais os alunos são solicitados a falar.

O que os alunos podem aprender numa sala de aula depende do que já conhecem, da riqueza do contexto e das atitudes e hábitos em relação ao aprender que já desenvolveram anteriormente. Novos entendimentos são construídos a partir da interação entre os participantes da aula, com destaque para a fala, modo primeiro e mais imediato de interação.

Aceitar que toda a aprendizagem se dá por reconstrução implica superar o entendimento de que se aprende por mera assimilação e recepção da informação pronta, e assumir que se aprende por uma ativa participação do sujeito na produção de algo. Assim, na sala de aula não ocorrem reproduções de conhecimento, mesmo que o professor acredite que essa reprodução esteja acontecendo. Ocorrem elaborações pessoais de significados a partir de interações intensas, por meio da fala individual e do diálogo com outros sujeitos: os colegas, o professor ou outros interlocutores. Portanto, aprender é o contínuo processo de reconstrução, oportunidades sempre renovadas de “produzir sentido em experiências desafiadoras” (WELLS, 2001, p. 176). Complementa-se com as idéias de Catalan (2001, p. 53): “As pessoas criam significados com base na definição particular que fazem do contexto e em suas experiências prévias em diferentes contextos socioculturais.”.

É importante, entretanto, que os diálogos produzidos em sala de aula ocorram em torno de situações e problemas (perguntas) significativos para os participantes e quanto mais as falas e os diálogos envolverem os alunos, pela manifestação de idéias e pontos de vista, mais significativas serão as aprendizagens.

Aprender como reconstrução significa estar constantemente construindo novos significados em nossa interação com os outros. Aprendemos quando nos comunicamos, quando falamos e quando ouvimos os outros, pois, nesses processos nossos entendimentos são questionados e transformados, com acréscimo de novos entendimentos e significados. Aprender faz parte do viver e enquanto vivemos estamos constantemente ampliando nossos entendimentos e representações do mundo em que

vivemos. Aprender significa envolver-se em movimentos constantes de transformação e evoluir progressivamente em representações já anteriormente construídas. Nesse sentido, ao valorizarem-se as falas e manifestações dos alunos em sala de aula, pretende-se, além de expressar o conhecido, atingir modos mais elaborados de entendimento. Nisso o professor desempenha um papel mediador importante, esperando-se dele que continuamente consiga apontar novos horizontes de compreensão, pelo questionamento de conhecimentos expressos e pela apresentação de novos pontos de vista que os alunos ainda não conseguem expressar por conta própria.

Em tudo isso, falar é modo eficiente de aprender, pois aprende-se falando. “O aperfeiçoamento, a diferenciação e o aprimoramento de qualquer conteúdo ocorrem no processo de expressão e externalização desses conteúdos na interação verbal” (JOBIM E SOUZA, 1995, p.112). A manifestação de um conhecimento é mais do que apenas expressar o conhecido. Já é parte de um processo de reconstrução. Não conseguimos expressar duas vezes o mesmo pensamento exatamente da mesma forma. De algum modo todo significado se modifica ao ser comunicado e todo conhecimento quando falado é transformado pelo emissor e pelo receptor. “Consideramos a comunicação como um processo ativo e transformativo, no qual novas significações são o resultado da reconstrução, às vezes radical, às vezes mínima, de signos” (MARTINS, 2000, p.109).

O movimento inicial de reconstrução pode ocorrer a partir de falas exploratórias, modos de expressão dos conhecimentos iniciais dos alunos, a partir dos quais o processo de reconstrução se desencadeia. Essas falas iniciais não visam apenas ao que é certo ou verdadeiro, mas abrem espaços para que os participantes possam ir qualificando suas falas na interação com os colegas e o professor. Nesse sentido, a fala dos alunos no início de uma atividade docente é necessária para que o professor possa conhecer como eles pensam e o que já conhecem sobre determinado tema. Se os diálogos iniciais forem organizados em torno de perguntas e questionamentos do tipo “por que” possibilitam também compreender os modos de raciocínio dos alunos.

Falar sobre o que já se conhece em relação a um assunto que vai ser investigado é um dos modos importantes de envolvimento de alunos pela fala na sala de aula visando a reconstruções de conhecimentos. Pela fala se manifesta o conhecimento inicial e se encaminham os direcionamentos reconstrutivos. Para tanto, é importante que os alunos se sintam confiantes para manifestarem até mesmo seus pensamentos incertos e suas dúvidas. A apropriação de novos significados em suas fases iniciais é necessariamente um pouco confusa e incompleta, mas é falando que os alunos podem elaborar idéias mais consistentes e fundamentadas.

No início das atividades sobre um tema é importante valorizar as “falas exploratórias” (MERCER, 2002, p. 150). Nelas ocorrem confrontações de idéias, sendo apresentadas razões e explicações, havendo desafios e contra desafios, sempre à procura de acordos para que todos possam avançar em seus entendimentos. Falas exploratórias constituem oportunidades de reconstrução coletiva de conhecimentos, processos que ocorrem em interações entre o individual e o coletivo.

Essas ideias enquadram-se nas chamadas teorias socioculturais, segundo as quais no aprender os sujeitos assumem funções cada vez mais ativas nas atividades sociais de suas comunidades, construindo conhecimentos a partir da produção compartilhada de significados. “A teoria sociocultural e construtivista de aprendizagem tem como elementos essenciais a comunicação, a negociação levando a pactos, por meio da verbalização.” (JORBA, 2000, p. 29). Assim, a perspectiva sociocultural explora processos cognitivos que ocorrem em contextos naturais, os quais têm lugar na interação entre diferentes sujeitos e não no interior das mentes das pessoas.

A aprendizagem é vista não meramente como a aquisição de habilidades mentais complexas como resultado da maturação, mas é entendida como um processo mais amplo de socialização a partir do qual as crianças se tornam membros de comunidades de prática. (PONTECORVO; STERPONI, 2002, p. 127).

Nesta perspectiva o pensamento individual se desenvolve por interação com pensamentos de outros, pela interação com outras mentes, processo que se dá na linguagem, especialmente por meio da fala. A linguagem é utilizada “para transformar o pensamento individual em pensamento coletivo e ação, e também para fazer interpretações pessoais da experiência compartilhada” (MERCER, 2002, p. 145).

Na perspectiva sociocultural, aprender consiste na inserção, com autoria, em discursos sociais, nos quais o sujeito manifesta gradativamente seus pontos de vista. Esse tipo de aprendizagem implica participação para todos nas transformações sociais, além de possibilitar a constituição individual dos sujeitos.

Ao aceitarem-se esses pressupostos assume-se que a produção de novos significados é sempre compartilhada. É colocar-se “dentro do fluxo histórico da comunicação” (JOBIM E SOUZA, 1995, p. 99), apropriando-nos de palavras já ditas por outros e reconstruindo significados nos discursos sociais.

Os discursos, ao mesmo tempo em que delimitam o que os participantes podem expressar e fazer, também representam espaços em que os sujeitos podem participar das transformações sociais, pois “não pode haver ato semiótico que deixe o mundo exatamente como era antes” (HALLIDAY, 2002, p. 254). Toda a participação social pela fala de algum modo transforma o mundo que é falado.

A partir disso concordamos com Northedge (2002, p. 261) quando afirma que:

Desde os estágios iniciais dos cursos os alunos necessitam ter oportunidades regulares para falar e escrever na presença de falantes competentes dos discursos que devem apropriar, sendo guiados os significados que produzem em direção a usos aceitos coletivamente.

Pelo exposto, o papel mediador do professor é muito mais o de criar oportunidades para que os alunos interajam com os discursos especializados, possibilitando-lhes competências cada vez mais desenvolvidas de manifestarem suas próprias opiniões, do que o de transmitir conhecimentos.

Em síntese, esta primeira parte do texto aborda o aprender como reconstrução, que ocorre a partir das falas dos participantes em intensa interação, num processo que é espaço de formação de sujeitos e de transformações sociais. Nessa interação, a fala e o diálogo são centrais para a negociação de significados.

Interagir e dialogar para aprender

No diálogo entre dois interlocutores, os significados produzidos na interação não são propriedade nem de quem fala, nem de quem ouve. “O significado não é pré-existente, mas é construído conjuntamente pelos interlocutores no próprio ato da comunicação” (ALEMANY, 2000, p. 26). Até mesmo porque em um diálogo estão também presentes inúmeros outros falantes ou outras vozes, todos influenciando e controlando o que cada um produz.

Toda enunciação é um diálogo; faz parte de um processo de comunicação ininterrupto. Não há enunciado isolado; todo enunciado pressupõe aqueles

que o antecederam e todos os que o sucederão: um enunciado é apenas um elo de uma cadeia, só podendo ser compreendido no interior desta cadeia. (JOBIM E SOUZA, 1995, p. 99).

Nesse sentido, o diálogo possibilita a confrontação com o diferente, em diferentes níveis de complexidade. Por isso, os interlocutores vão reconstruindo sentidos em relação aos fenômenos e conceitos envolvidos na interação com os outros, seja por imitação, por confrontação, por colaboração ou pela controvérsia. É desse modo, que, mesmo de forma inconsciente, enquanto falam ou escutam, os alunos revisam seus entendimentos sobre o objeto de estudo e reelaboram seus conceitos, reconstruem seus conhecimentos.

“No processo da compreensão, a cada palavra do outro fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem nossas réplicas, mais profunda e real é a nossa compreensão” (JOBIM E SOUZA, 1995, p. 109). O sentido não está nas palavras em si, nem está no interior dos falantes sendo por eles liberado, mas está na interação entre falante e ouvinte.

Quem compreende esse sentido dialógico da produção de significados aceita que a diversidade de vozes e fontes contribui para a promoção de aprendizagens. Mais vozes representam mais potenciais diferenças nas possibilidades de produção de novos significados sobre um tema. É importante, então, que em vez de uma voz única, contínua e autoritária, apresentando um argumento sempre semelhante, os alunos sejam expostos a vozes diversificadas, com diferentes níveis de complexidade, desde discursos domésticos e da mídia, até discursos especializados (NORTHEGE, 2002).

Por isso, na aprendizagem “o outro” tem papel fundamental, pois é por meio dele que conseguimos produzir novos significados. Isso pode dar-se pelo questionamento, pelas dúvidas que emergem no diálogo, pela escuta atenta de outras opiniões. Nessas situações, colocamos em xeque algumas de nossas concepções e validamos e aceitamos o que pensamos e conseguimos falar, isto é, aceitamos esses pensamentos e falas, que mostram o nosso entendimento do mundo, como conhecimento válido. Desse modo, a confrontação da nossa fala com a fala do outro também permite tomar consciência sobre o que não sabemos, o que gera o desejo de ampliar e reelaborar o conhecido, integrando em nossos modos de pensamento o modo de expressão do outro. Na medida em que nos tornamos inteligíveis aos outros, também reelaboramos nossas próprias compreensões. Ao explicar algo aos outros, ao argumentar defendendo um ponto de vista, também quem fala reconstrói seus entendimentos sobre os temas a que seus argumentos se referem.

Por isso, defendemos que a aprendizagem pela fala implica em valorização do diálogo como estratégia de ensino. É a partir de diálogos em sala de aula, especialmente em combinação com solução de problemas por meio da pesquisa, que os alunos têm condições de aprenderem de modo mais significativo. Esses diálogos oportunizam participações efetivas a todos, seja em pequenos ou grandes grupos, seja em combinação com leituras e escrita. Em qualquer desses contextos, entretanto, é importante estar atento ao outro, saber contrapor-se a ele, procurar entender seus pontos de vista e exercitar a contra-argumentação.

As leituras e produções escritas dos alunos potencializam as falas e diálogos. O diferente que nos confronta pode também provir de autores de livros que estejam tratando dos mesmos temas que estamos discutindo. As leituras trazem pontos de vista diferentes, eventualmente mais complexos, com os quais os alunos podem entrar em contato, possibilitando reconstruções. Nesse sentido, é importante que os alunos organizem-se em grupos e trabalhem com menos interferência direta do professor,

mesmo que este tenha um papel importante como mediador de diálogos na produção de novos significados. Nesses grupos os alunos podem trabalhar de forma mais independente, podendo manifestar mais livremente seus pontos de vista.

Ao valorizar o diálogo em sala de aula é importante que o professor preocupe-se com oportunidades iguais para todos assumirem seus turnos na fala, podendo, cada um, sem ser interrompido, utilizar sua vez de falar e agir de diferentes formas, fazer perguntas e solicitações, defender pontos de vista. Sabe-se que diálogos cooperativos e igualitários, num sentido global, dificilmente são atingidos, mas é importante que se procure dar oportunidades iguais a todos para participarem. Até mesmo a timidez e a resistência a expor-se no diálogo são vencidas pela prática da fala, especialmente se combinada com uma crítica respeitosa e desafiadora.

Atingir diálogos igualitários em sala de aula implica em falas conjuntas de professores e alunos, em criar oportunidades diversificadas de participação dialógica.

Para um professor ensinar e um aluno aprender, ambos parceiros necessitam utilizar a fala em atividades conjuntas para criar uma base comum de compartilhamento de compreensões, a partir dos recursos de seus conhecimentos, interesses e objetivos comuns. (MERCER, 2002 p. 143).

Essas falas visando reconstruções de entendimentos de todos se tornam mais efetivas quando organizadas em torno da produção de algo em comum. Nas produções coletivas reconstruem-se conhecimentos num sentido restrito e desenvolvem-se simultaneamente habilidades e competências tanto num sentido afetivo como ético. O diálogo não apenas é modo de reconstruir significados sociais, mas também de criar novos climas de sala de aula, com envolvimento de todos de forma mais efetiva e motivadora.

Nessas atividades colaborativas, voltadas à realização de objetivos comuns entre os participantes, o diálogo exerce papel de mediação importante. É a fala que possibilita aproximar e confrontar os pontos de vista, criando espaços para as reconstruções e ampliações de significados que cada falante consegue expressar. No diálogo cada um é desafiado a contribuir, a propor argumentos fundamentados que acrescentem algo ao que está sendo expresso. Sem a fala isto se tornaria impossível. Por isso, o diálogo é mediador de novas aprendizagens.

Sintetizando-se, argumentou-se neste tópico que a interação e o diálogo constituem modos de aprender pelas possibilidades de produção de novos significados, quando se valoriza a fala na sala de aula. Aprende-se pela confrontação e negociação de significados por meio do diálogo, em que professor e alunos falam sobre produções coletivas de interesse comum, gerando aprendizagens cognitivas e desenvolvendo habilidades e atitudes.

A fala produz diferentes aprendizagens

A aprendizagem sobre um tema ocorre a partir de conversas desorganizadas sobre o objeto de conhecimento. Cabe ao professor orientar esses diálogos, mas é importante que as conversas sejam espontâneas e naturalmente desorganizadas para que cada participante se sinta confiante para manifestar suas idéias, mesmo que desviando a conversa para direções não inicialmente previstas. Nessa confrontação de idéias e pensamentos é que estão as oportunidades de reconstrução.

Criar esses espaços de abertura para a participação de todos os alunos é aproveitar as ferramentas culturais do aprender, especialmente os signos lingüísticos. A

fala nesse contexto é ferramenta de reconstrução, de inclusão de novos conhecimentos naquilo que já é conhecido.

Ao concretizar-se o uso intenso da fala na sala de aula faz-se uma aproximação natural entre o conhecimento e a ação, entre a teoria e a prática, pois “há relações concordantes coletivas entre o significado do que falamos e o que fazemos em determinadas circunstâncias.” (BRUNER, 2002 p. 19). Uma fala natural e espontânea expressa o que cada um consegue pensar e fazer. Expressa uma relação dos conhecimentos dos falantes com os contextos em que vivem o que torna as atividades de sala de aula significativas.

Seres humanos têm um prazer genuíno quando envolvidos em conversações, sendo modo natural de aprender, desde os anos iniciais de nossas vidas e é importante que a escola também saiba aproveitar essa função produtora de novas aprendizagens. É pela fala que os seres humanos se tornam sujeitos, participantes ativos nas ações e transformações dos contextos em que vivem, pois adquirem conhecimentos e desenvolvem-se em muitos outros sentidos. Aprender a falar de modo mais qualificado significa desenvolver competências cada vez mais complexas. Implica aprender a comparar, analisar, classificar, interpretar, inferir, deduzir, sintetizar, além de outras habilidades cognitivas. Ao dominar cada vez mais este tipo de habilidades os alunos conseguem ir qualificando cada vez mais suas falas e atingir habilidades mais complexas, tais como descrever, definir, resumir, explicar, justificar, argumentar e demonstrar. Esse conjunto diversificado de habilidades pode ser desenvolvido a partir do envolvimento dos alunos em falas de tipos variados como descritivo, narrativo, explicativo e argumentativo. Fica claro também que essas competências são importantes para que o sujeito se movimente nas várias áreas do conhecimento, particularmente, na área científica, pois desenvolver essas competências implica desenvolver a capacidade de pensar. As habilidades cognitivo-linguísticas possibilitam estabelecer pontes entre a mente humana e a cultura, assim como entre o pensamento humano e os conteúdos curriculares (JORBA, 2000). De algum modo utilizamos tais habilidades sempre que nos comunicamos, seja pela fala, seja por outros modos. Como isso, é possível afirmar que não há pensamento sem linguagem, pois o pensar sempre se vincula a alguma representação semiótica.

Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que modela e determina sua orientação; não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e às suas orientações possíveis. (JOBIM e SOUZA, 1995, p. 111).

Por isso, é importante superar a idéia de que a linguagem serve apenas para comunicar algo já conhecido, pois é mediadora do pensamento e do desenvolvimento de conhecimentos cada vez mais complexos, especialmente pela fala. Pela linguagem os alunos envolvem-se em exercícios de pensamento, categorizando, formulando hipóteses, raciocinando e avaliando.

O pensamento humano se torna possível pelos signos, mediadores da produção de significados pelos sujeitos. “A mediação semiótica proporciona um vínculo crucial entre os contextos históricos, culturais e institucionais e o desenvolvimento de um tipo de pensamento mais abstrato e complexo” (CATALAN, 2002, p. 59).

Não se pensa para falar, mas pensamento e fala são inter-relacionados e integrados. Todo pensamento é possibilitado pelo uso de signos, sendo a linguagem sua forma mais comum de manifestação.

Conforme argumentam Jobim e Souza (1995, p. 112), “quanto mais falo e expresso minhas idéias, tanto melhor as formulo no interior do meu pensamento”. Por isso a fala melhora o pensamento, constituindo-se em prática de pensar, em modo de tornar mais complexos os pensamentos, especialmente em contextos desafiadores em que cada um pode expressar suas idéias e defendê-las. Sempre que tentamos explicar algo a outro, também estamos reconstruindo nossa própria compreensão e melhorando nossas explicações.

Ao enfatizarmos esta íntima relação entre pensamento e linguagem, entre pensar e falar, entre comunicar algo e sua reconstrução, estamos destacando a complementaridade entre a função comunicativa e função epistêmica da fala. Falar serve tanto para comunicar algo quanto para aprender sobre os temas falados. É o que Wells (2001(b) denomina a função epistêmica da linguagem.

Para Catalan (2002, p. 59), “o significado é unidade de linguagem e unidade de pensamento na medida em que combina a função comunicativa com a de servir o pensamento”. Quando os alunos expressam seus pensamentos, estão, ao mesmo tempo, reconstruindo o que já conhecem. Nenhum pensamento passa incólume por sua comunicação. O pensar está junto com o conhecer; ao mesmo tempo em que novos significados são produzidos estes são comunicados.

A Combinação da fala com a pesquisa gera aprendizagens mais qualificadas

A integração entre aprender e falar se dá especialmente pelo uso da pesquisa em sala de aula, implicando em trabalhar em torno da solução de problemas. Quando esses forem conectados à realidade dos alunos, possibilitarão diálogos muito produtivos, com múltiplas aprendizagens.

“Um conhecimento somente é conhecido de forma verdadeira quando é usado por indivíduos na solução de problemas específicos”. (WELLS, 2001a, p. 180) Admitir isto é valorizar a pesquisa em sala de aula, atividade que se organiza em torno de problemas. A realidade permanentemente nos apresenta questões, perguntas, problemas, desafios, e todos eles são possibilidades de reconstrução do conhecimento e de habilidades cognitivas.

Os diálogos organizados em torno de problemas significativos para os alunos são modo de os professores tomarem contato com o conhecimento que os alunos já trazem e oportunidades de reconstrução desse conhecimento, possibilitando ir além de relações estanques de conteúdos. As perguntas e problemas possibilitam dar um direcionamento às atividades de aula. Quando estiverem estruturados em forma de pesquisa, tem-se uma organização de aula muito produtiva e capaz de envolvimento efetivo dos alunos, tornando as atividades de aula mais qualificadas.

Aprendizagens reconstrutivas pela fala têm na pesquisa uma de suas estratégias mais importantes. O envolvimento coletivo em uma investigação é espaço constante de envolvimento na fala, além naturalmente da leitura e da escrita. A fala faz a ligação entre as diferentes fases do processo na pesquisa em sala de aula, no planejamento participativo, na discussão de pressupostos teóricos, no encaminhamento da coleta de dados e nas suas análises e finalmente, no fechamento e nas conclusões da pesquisa.

O envolvimento coletivo em torno de uma pesquisa é espaço de grande validade para que possam desenvolver-se todas as estratégias de aprendizagem reconstrutiva pela fala. Nesses espaços, visando obter uma produção comum dos participantes, criam-se as condições para interações intensas e significativas entre todos os envolvidos, com confrontação de pontos de vista diferentes e com construção de consensos possíveis dentro das condições da pesquisa em andamento.

Propor uma pesquisa aos alunos significa muito mais do que passar um trabalho para que eles executem. É um processo de construção e execução coletivo, com farta discussão em pequenos e grandes grupos. Nesse processo, o espaço de fala é imprescindível. O fato de poder falar sobre o que cada um pode contribuir para construir clareza em torno do problema, dos procedimentos, das análises e dos resultados, implica aprendizagens relevantes tanto em torno dos processos envolvidos, quanto dos produtos e conhecimentos construídos. A fala nas pesquisas corresponde a espaços reflexivos, imprescindíveis para que verdadeiras aprendizagens possam concretizar-se

Além da solução de problemas, naturalmente inserida em qualquer pesquisa, também o pesquisar ajuda a integrar de forma qualificada a fala, a leitura e a escrita, que se complementam. Em geral, nos momentos iniciais, a fala tende a estar mais presente, mas ao longo da pesquisa a leitura e a escrita assumem papel cada vez mais saliente.

Ter algo concreto a produzir é também elemento importante para aprendizagens mais motivadoras e envolventes. Isso se torna natural em estratégias de aula com pesquisa, onde geralmente a produção concreta é representada por textos escritos, produzidos como resultado das pesquisas.

A fala se aproxima mais do empírico, da realidade tal como já percebida pelos sujeitos. Já a escrita é modo de afastamento e abstração, de construção de conhecimentos mais qualificados, já que mais passíveis de submissão à crítica.

Por isso é importante uma combinação constante entre o falar e o escrever. O ler se insere entre esses dois, ampliando os espaços de interação com mais sujeitos, especialmente vozes especializadas nos temas tratados. A pesquisa é modo de integração das oportunidades de aprender dessas três ferramentas culturais de aprender.

A integração de fala e escrita possibilita, ao mesmo tempo, um movimento das atividades de aula e de pesquisa de significados mais contextualizados e cotidianos, para conceituações e explicações mais abstratas e teóricas. A fala é modo de conexão entre esses limites do concreto e do abstrato.

Significados cotidianos são relacionados aos contextos, mantendo-se próximos das vivências dos sujeitos que neles se envolvem. Enquanto isto, significados mais abstratos, do tipo proposicional e teórico, são afastados da realidade. De algum modo a qualificação das aprendizagens de sala de aula implica no afastamento do cotidiano para uma aproximação ao científico, o que consiste em ir da fala para a escrita.

Atividades significativas para os alunos exigem que se inicie com seus entendimentos, geralmente relacionados ao cotidiano e ao senso comum. Por isso o trabalho em torno de algum tema não deveria iniciar-se com explicações e com definições abstratas. Esses somente terão sentido no final do processo.

Em síntese, defendemos que o uso da fala em sala de aula é favorecido quando as aulas são organizadas em torno de pesquisas. Essas estratégias de trabalho de aula criam espaços não apenas para a fala em momentos diversificados, como também constituem modos de integração do falar com o ler e o escrever. No seu movimento de teorização e complexificação de conhecimentos, as pesquisas também constituem modos de ir do empírico ao teórico, do concreto ao abstrato.

Apropriação e transformação de discursos sociais

É pela linguagem e comunicação que nos apropriamos de significados sociais de nossa cultura. Também é por eles que podemos participar das transformações dos contextos em que vivemos. “Na perspectiva sociocultural a educação é uma atividade social e socializadora que se produz graças à comunicação, por meio do uso de signos”

(ALEMANY, 2000, p.22). Por meio da comunicação, destacando-se aqui a fala, é que os sujeitos se integram na cultura do seu grupo social.

A educação em nível avançado “significa chegar a ser capaz de participar ativamente nos discursos de disciplinas ou tecnologias específicas plasmadas em uma variedade de práticas de linguagem falada e escrita” (CATALAN, 2001, p. 67). Essa participação ativa, mais do que o simples domínio e compreensão, significa envolvimento na transformação dos discursos.

Ao se manifestarem nos discursos sociais os sujeitos participam da reconstrução de significados, produzem novos signos e, com isso, se envolvem na criação e produção de uma diversidade de novas práticas sociais. Quando os alunos se manifestam sobre um tema ou sobre uma prática social, estão participando da transformação da cultura, dos significados construídos coletivamente.

Já nascemos dentro de contextos culturais dentro dos quais aprendemos a ler o mundo e a interagir com os outros. Nos apropriamos de narrativas já anteriormente construídas e, dentro de certos limites, podemos participar das transformações da cultura e dos discursos sociais.

Compreender a aprendizagem como apropriação de significados culturais já anteriormente produzidos implica em entender que “tudo que é dito está situado fora da alma do falante e não pertence somente a ele” (JOBIM E SOUZA, 1995, p. 100). Quando falamos, utilizamos de modos de expressão de mundo já organizados por outros falantes, nos apropriando e reconstruindo seus modos de entendimento. Ninguém é autor inteiramente original de nenhum enunciado.

Aceitar isto implica em admitir que não existem pensamentos prontos em nossas cabeças, mas que eles são elaborados e produzidos no momento em que os expressamos, numa íntima relação de pensamento e comunicação. Isso também significa que não há verdades acabadas que apenas expressamos. Quando falamos estamos nos colocando o movimento de verdades sempre em reconstrução.

Falar é modo de expressar pensamentos em movimento, modo de nos colocarmos no processo de reconstrução de conhecimentos. Cada vez que expressamos nossos entendimentos sobre determinado tema estamos reelaborando nossa compreensão do mesmo.

Quando entramos na vida humana é como se entrássemos numa peça teatral em andamento – uma peça cujo roteiro de algum modo aberto determina como podemos atuar e o direcionamento em que podemos nos mover. Outros participantes já têm o sentido da peça como um todo, um suficiente sentido para tornar possível uma negociação com os novos atores. (BRUNER, 2002, p. 34).

A metáfora é excelente para mostrar tanto as possibilidades quanto os limites de nossas intervenções nos discursos sociais. Temos certa liberdade de nos manifestar de forma original, mas nossas construções são sempre controladas pelo grupo cultural e é este que determinará se serão aceitas ou rejeitadas.

Não aprendemos conceitos de forma isolada, fora dos discursos sociais em que assumem seus significados. Aprendemos mergulhando nos discursos e nos apropriando de significados já construídos socialmente.

“Os discursos instituem, ordenam e organizam nossa interpretação dos acontecimentos e da sociedade” (CATALAN, 2001, p. 34), incorporando opiniões, valores e ideologias. Não conseguimos nos expressar a não ser a partir desses espaços discursivos a partir dos quais nossos argumentos e conceitos adquirem significado.

Significados são construídos coletivamente e os participantes de determinados grupos são instados a se conformarem com as interpretações coletivas dos grupos de que fazem parte. É a partir da participação em sistemas simbólicos de nossa cultura que conseguimos concretizar nossos estados intencionais como seres humanos. Por isso, não aprendemos por definições os significados das palavras, mas dominamos seus sentidos a partir do envolvimento com elas, compreendendo como se entrelaçam com outras palavras nos discursos. Aprendemos o significado das palavras no processo de participação nos discursos que as produzem.

Aprender é tornar-se membro de uma comunidade de especialistas que sabem movimentar-se de forma válida em determinados discursos.

Eu tomo o conhecimento de nível superior como formado por discursos intercambiados dentro de comunidades de especialistas, e a aquisição de conhecimento de nível superior como uma questão de tornar-se participante funcional dentro de comunidades de discursos especializados. (NORTHEGE, 2002, p. 252).

Os seres humanos já nascem dentro de culturas a partir das quais se constituem sujeitos, moldados por essas culturas. São seus espaços de aprendizagem e de percepção do mundo, também espaços em que podem desafiar-se a se assumirem como agentes de transformação.

“O discurso é parte constitutiva e constituinte da cultura. O discurso configura a sociedade e a cultura, ao mesmo tempo em que é constituído por elas, havendo entre elas uma relação dialética” (CATALAN, 2001, p. 42). Seres humanos se inserem nesses espaços discursivos e dentro deles é que podem aprender.

“A forma que assumem nossas vidas – o espaço constantemente cambiável de nossa autobiografia que carregamos em nossas mentes – é compreensível a nós mesmos e a outros somente a partir destes sistemas culturais de interpretação” (BRUNER, 2002, p.33). Na conformação desses sistemas culturais e discursivos a linguagem exerce papel central. Fala, comunicação e discursos sociais estão estreitamente ligados. Quando falamos o fazemos dentro desses sistemas de interpretação e somos limitados por eles e não conseguimos falar fora deles.

Os discursos sociais em que estamos inseridos desde que nascemos correspondem a modos de pensar o mundo que nos cerca. Eles configuram a realidade e os sujeitos que neles estão imersos. Por suas manifestações no discurso, especialmente pela fala, os sujeitos podem, em alguma medida, ajudar a reconfigurar os contextos, as realidades e os discursos sociais.

O homem nasce e se desenvolve dentro de contextos culturais determinados. Mergulhado em discursos culturais vai se apropriando dos significados acordados coletivamente, dos modos de conceber o mundo. Numa diversidade de narrativas vai se constituindo sujeito e ator, sempre com intensa interação na linguagem, espaço em que a fala ocupa lugar central. Pela linguagem os discursos sociais são apropriados e também por ela os sujeitos podem exercer seu poder de transformação das realidades e dos discursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como aspecto central a aprendizagem pela fala, procurou-se argumentar que o envolvimento na linguagem possibilita a apropriação de discursos sociais e culturais dentro dos quais nascemos e nos desenvolvemos. Em processos de reconstrução permanente do que já foi anteriormente apropriado, interagimos com outras vozes em

diálogos continuados. Nas escolas, essas aprendizagens pela linguagem, com ênfase na fala, se tornam mais efetivas pelo uso da pesquisa. A partir disso não apenas realizamos nossas aprendizagens cognitivas, mas também desenvolvemos um conjunto de habilidades que cada vez mais nos ajudam a nos tornarmos sujeitos históricos, capazes de participarem nas transformações sociais dos contextos em que vivemos.

REFERÊNCIAS

ALEMANY, I. G. Bases teóricas de una propuesta didáctica para favorecer la comunicación en el aula. In.: JORBA, J.; GÓMEZ, I.; PRAT, A.(ed) **Hablar y escribir para aprender**. Madrid: Síntesis, 2000.

BRUNER, J. **Acts of meaning**. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

CATALAN, M. A. R. **Discurso y educación**. Sevilla, Mercablum, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. **Linguistic Studies of text and discourse**. Londres: continuum, 2002.

JOBIM E SOUZA, S. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas: Papyrus, 1995.

JORBA, J. La comunicación y las habilidades cognitivolingüísticas. In: JORBA, J.; GÓMEZ, I.; PRAT, A.(ed) **Hablar y escribir para aprender**. Madrid: Síntesis, 2000.

MARTINS, Isabel. Explicações, Ciência e Sala de Aula. In: ALMEIDA, Maria José P.M.; SILVA, Henrique César(org). **Textos de palestras e sessões temáticas: III Encontro Linguagens, Leituras e Ensino da ciência**. Campinas, SP: Graf. FE/UNICAMP, 2000.

MERCER, N. Developing dialogues. In: WELLS, G.; CLAXTON, G. **Learning for life in the 21st century**. Oxford : Blackwell, 2002.

NORTHEGE, Andy. Organizing Excursions into specialist discourse communities: A sociocultural account of university teaching. In: WELLS, G.; CLAXTON, G. **Learning for life in the 21st century**. Oxford : Blackwell, 2002.

PONTECORVO,C.; STERPONI, L. Learning to argue and reason Though Discourse in Educational Settings. In: WELLS, G.; CLAXTON, G. **Learning for life in the 21st century**. Oxford : Blackwell, 2002.

WELLS, G. The case of dialogic inquiry. In: WELLS, G. (ed) **Action, talk and text: learning and teaching through inquiry**. New York: Teachers College Press, 2001(a).

_____. **Indagación dialógica**. Barcelona, Paidós, 2001(b).